

## O Jornalismo Ambiental como uma forma de conhecimento social da realidade pelo olhar da TV Escola<sup>1</sup>

Jamille Almeida da Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo refletir sobre o Jornalismo Ambiental como forma de conhecimento social da realidade, buscando no programa Nova Amazônia da TV Escola conexões que permitam estabelecer esse diálogo. A série une pesquisa científica à sabedoria dos povos da floresta e trata de forma dinâmica os temas regionais que influenciam o planeta, mostrando um lugar onde ainda há muito que ser descoberto. Para isso, apresenta o conceito sobre a notícia como forma de conhecimento e amplia a discussão para os estudos do Jornalismo. Aprofunda a reflexão para os conceitos e pressupostos do Jornalismo Ambiental e estabelece relação com o programa educativo. A metodologia utilizada no trabalho é a revisão bibliográfica.

**Palavras-Chave:** Jornalismo Ambiental. Conhecimento. TV Escola. Amazônia.

### 1. Introdução

Estamos inseridos em um cenário permeado pela consolidação dos conceitos de pós-verdade, *Fake News*, *Checking-Facts* e *Big Date*. O nosso país tem vivenciado a perda de grandes conquistas no campo político, trabalhista, jurídico e, principalmente, nas questões que envolvem a cidadania da população brasileira. Esses termos citados têm impactos diretos na atuação da mídia, com destaque para o campo do Jornalismo. Ter que produzir notícias, apurar fatos, checar informações, entre outras questões, tem se tornando um desafio para o jornalista que se dedica a fazer o verdadeiro Jornalismo. Diferentes acontecimentos têm mostrado o poder da informação como meio que impulsiona questionamentos para buscar

---

<sup>1</sup> Este estudo é parte integrante da pesquisa de mestrado em andamento “Jornalismo Ambiental e a construção do conhecimento sobre a Amazônia na TV Escola”.

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Relações Públicas pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação UFRGS. Integrante do Grupo de Pesquisa Jornalismo Ambiental, CNPq/UFRGS. E-mail: jamille.almeida@ufrgs.br.

igualdade, respeito, solidariedade e direitos. Mas também presenciamos a força da informação para propagar mentiras e preconceitos. As questões ambientais têm sofrido diretamente esses impactos na mídia nacional. Observamos, assim, que o Jornalismo produz conteúdos que tem impactos na realidade de cada cidadão. Partimos, assim, da concepção de que o jornalismo é uma forma de conhecimento social da realidade (PARK, 2008; MEDITSCH, 1997, 2012).

Esse tema nos possibilita abordar muitas questões, mas a nossa proposta é, a partir do entendimento de que o Jornalismo produz conhecimento, refletir sobre o Jornalismo Ambiental como forma de conhecimento social da realidade, buscando no programa Nova Amazônia da TV Escola conexões que permitam estabelecer esse diálogo. Entendemos que esses produtos midiáticos geram conhecimento e que terão algum impacto na formação dos diferentes sujeitos.

Esse artigo, que utilizou a metodologia de pesquisa bibliográfica, está subdividido em cinco partes, incluindo essa introdução. Iniciamos a reflexão pela análise de Robert Park e as suas contribuições para entender a notícia como conhecimento. Ampliamos a discussão para o Jornalismo como uma forma de conhecimento e tecemos algumas considerações sobre mudanças no Jornalismo. Logo, buscamos compreender o Jornalismo Ambiental como forma de conhecimento e sua contribuição para a TV Escola. Por fim, são feitas as reflexões finais.

## **2. Robert Park e a notícia como conhecimento**

Em 1921, Park escreveu que a Sociologia estava se transformando em uma ciência da sociedade, não era mais a filosofia da história que havia sido até aquele momento, e que estava entrando em um novo período em que predominava a investigação empírica. (CONDE, 2008, p. 18).

Ao analisar os trabalhos desenvolvidos por Robert Park, Conde (2008) descreve-o como o jornalista que se converteu em sociólogo, pois antes de começar sua carreira acadêmica, na Universidade de Chicago em 1913, havia trilhado uma extensa carreira como jornalista profissional. A sua passagem pelo Jornalismo apresenta muitos reflexos em suas pesquisas na Sociologia, como pode ser observado em suas palavras: “o sociólogo era um tipo de super-repórter, como os homens que escreviam na *Fortune*. O sociólogo conta as coisas de uma forma um pouco mais precisa, e com um estilo um pouco mais imparcial que o homem médio: o que meu amigo Franklin Ford chamaria as ‘grandes notícias’” (PARK, 1950, ix, apud CONDE, 2008, p. 19).

Segundo Elias Machado (2005, p. 24), Robert Park, tendo claro que o Jornalismo era o seu objeto de pesquisa, decidiu matricular-se na Universidade de Harvard em 1898 na esperança de compreender a natureza e a função de um tipo de conhecimento que chamamos notícia. Com essa relação que Park desenvolveu em seus estudos, na visão de Maria Rosa Conde (2008), ele pode ser considerado um pioneiro na Sociologia da Comunicação. Sendo assim, a pesquisadora salienta que Park foi o primeiro intelectual que abordou as notícias como uma forma de conhecimento.

É pelo artigo publicado no *American Journal of Sociology*, em 1940, intitulado *News as a form of knowledge*, que Park apresenta duas questões que o instigam: que tipo de conhecimento as notícias proporcionam e quais são as suas características. Machado (2005, p. 25) ressalta que antes do sociólogo americano escrever o artigo em questão, “[...] quando avança para definir de modo mais claro o tipo de conhecimento dado pelo Jornalismo, Park fizera todo um percurso acadêmico em busca da compreensão da natureza e da função desta modalidade de conhecimento chamada notícia.”

Dessa forma, Park trabalha com as duas categorias de conhecimento delimitadas por William James – seu professor em Harvard –, mas interpreta de forma diferente os dois conceitos, pois incorpora a eles suas próprias considerações (CONDE, 2008). Park (2008) destaca os dois tipos fundamentais de conhecimento: *acquaintance* e *knowledge about*, sendo o primeiro um conhecimento formal e o outro um conhecimento não sistemático ou de “senso comum”. Em suas palavras, ele ressalta que:

*Acquaintance with*, como eu usaria a expressão, é um tipo de conhecimento que alguém inevitavelmente adquire ao longo dos seus encontros pessoais e de primeira mão com o mundo ao seu redor. É o conhecimento que vem do uso e costume mais do que de qualquer tipo de investigação formal ou sistemática. [...] conhecimento pode ser concebido como uma forma de ajuste ou adaptação orgânica, representando um acúmulo e, por assim dizer, uma fusão de uma longa série de experiências. (PARK, 2008, p. 52).

Podemos observar que *Acquaintance with* está relacionado com o instinto e com a intuição. Aqui também se encontra o conhecimento de outras pessoas e da natureza humana. Park (2008) explica que esse é o tipo de conhecimento que se incorpora no hábito, no costume, na experimentação, no saber do dia-a-dia e no senso comum – é um conhecimento que tem familiaridade com algo.

Já o outro tipo de conhecimento *Knowledge about*, ou conhecimento das coisas, é descrito por Park (2008) como formal, racional e sistemático. Ele explica que “‘Knowledge about’ é conhecimento formal; significa conhecimento que alcançou algum grau de exatidão e

precisão pela substituição de ideias pela realidade concreta, e de palavras por coisas.” (PARK, 2008, p. 55). O conhecimento das coisas é baseado na observação e no fato que foi verificado, que atingiu algum grau de exatidão e precisão; é o resultado de observações sistemáticas dos eventos – está relacionado ao saber científico.

Ao expor o que entende por cada tipo de conhecimento, o sociólogo americano destaca que o conhecimento científico é comunicável, enquanto o conhecimento baseado na experiência prática não apresenta essa característica. Park entende que o conhecimento científico “[...] é comunicável porque seus problemas e suas soluções não são meramente declarados em termos lógicos e inteligíveis, mas em formas que podem ser checadas através do experimento ou referência à realidade empírica à qual esses termos se referem.” (PARK, 2008, p. 57). Em relação ao conhecimento do senso comum, que se desenvolve pela familiaridade com as coisas, baseia-se no acúmulo lento de experiência, tornando-se idêntico com o instinto e intuição.

Dessa forma, Park destaca que os dois tipos de conhecimento se relacionam, pois “[...] o primeiro não é possível sem o segundo: não existe um método científico que seja completamente independente da intuição e da perspectiva que a familiaridade com as coisas proporciona.” (CONDE, 2008, p. 24). Park destaca que entre acquaintance with e knowledge about existe um *continuum*, e em seus extremos estão localizados, em lados opostos, os dois conhecimentos; também encontramos aqui todas as formas de conhecimento, e como destaque, também as notícias. O Jornalismo, enquanto notícia, estaria nesse *continuum*, mas Park não situa o lugar. Entendemos, assim, que o Jornalismo tem um tipo específico de conhecimento que não é o do senso comum e nem da Ciência (História, Sociologia).

A notícia, como forma de conhecimento, primeiramente não está interessada no passado ou no futuro, mas no presente – o que tem sido descrito pelos psicólogos de “o presente precioso”. Pode-se dizer que a notícia existe somente nesse presente. O significado do “presente precioso” é sugerido aqui pelo fato de que a notícia, como é sabido no meio da imprensa comercial, é um produto muito perecível. A notícia continua notícia até chegar às pessoas para as quais ela possui “interesse de notícia”. Uma vez publicada e reconhecida sua importância, o que era notícia vira história. (PARK, 2008, p. 59).

O autor salienta que a notícia é considerada uma das principais e mais elementares formas de conhecimento e talvez mais velha que a humanidade. Para Park (2008) a notícia está relacionada com o acontecimento de um fato inesperado, não é a importância intrínseca de um evento que faz a notícia e sim o fato de que o evento é tão incomum que se for publicado irá surpreender, entreter ou emocionar o leitor de modo que será lembrado e

repetido. Ao citar Charles Dana, o sociólogo americano afirma que a notícia é finalmente sempre “algo que fará o povo falar”, mesmo quando não o faça agir.

A notícia, após sua publicação, contribui como forma de conhecimento, a partir do registro de eventos, para as ciências sociais em geral e também para as humanidades, em especial para a história, para a sociologia e também para o folclore e para a literatura. Por fim, Park (2008) salienta que embora a notícia seja uma forma mais primitiva e elementar de comunicação que a ciência, a notícia não pode de jeito nenhum ser substituída por ela. Pelo contrário, a importância da notícia tem crescido consistentemente com a expansão dos meios de comunicação e com o crescimento da ciência.

### 3. Jornalismo, Conhecimento e Mudanças

Ao ampliarmos as discussões sobre a notícia como forma de conhecimento para o campo dos estudos do Jornalismo, Meditsch (2012) sinaliza a necessidade de observar os métodos de análise da Ciência e do Jornalismo, para que se possa entendê-los e, assim, compreender o “patinho feio do conhecimento”, como tem sido visto o Jornalismo nos últimos tempos. O autor destaca que tanto a ciência quanto o Jornalismo são formas sociais de conhecimento, sendo desenvolvidas e condicionadas pelo avanço da sociedade industrial capitalista. Partindo de suas finalidades e usos na história, o autor ressalta que:

Ciência e Jornalismo desenvolveram suas lógicas próprias e suas metodologias específicas. A Ciência se desdobrou em as ciências e o Jornalismo, embora não tenha deixado de se especializar, não descartou o seu generalismo, pelo contrário, encontra neste generalismo uma de suas principais funções sociais: a de manter a comunicabilidade entre o físico, o advogado, o operário e o filósofo, o que está fora do alcance da Ciência. (MEDITSCH, 2012, p. 82).

Nessa perspectiva, o autor sinaliza que a Ciência se torna um modo de conhecimento do mundo explicável, já o jornalismo se torna um conhecimento do mundo sensível. Ao reconhecer que o Jornalismo é uma forma de produção de conhecimento, Meditsch (1997) ressalta que esse conhecimento pode servir para reproduzir outros saberes quanto para degradá-los. O autor também recorre ao sociólogo americano Robert Park para apresentar suas abordagens do Jornalismo como conhecimento.

Meditsch (1997, p. 3) destaca que Park, orientado pela perspectiva filosófica do pragmatismo, começa a definir o Jornalismo a partir do que tem de diferente, do que lhe é específico como forma de conhecimento da realidade. Partindo do que foi exposto por Park, o jornalista e pesquisador sugere outra abordagem para entender o Jornalismo como forma de

conhecimento. Ele acredita que é preciso dar mais ênfase não ao que o Jornalismo tem de semelhante, mas ao que ele tem de único e original. Dessa forma, Meditsch (1997, p. 3) salienta que:

O Jornalismo não revela mal nem revela menos a realidade do que a ciência: ele simplesmente revela diferente. E ao revelar diferente, pode mesmo revelar aspectos da realidade que os outros modos de conhecimento não são capazes de revelar. Além dessa maneira distinta de produzir conhecimento, o jornalismo também tem uma maneira diferenciada de o reproduzir, vinculada à função de comunicação que lhe é inerente. O Jornalismo não apenas reproduz o conhecimento que ele próprio produz, reproduz também o conhecimento produzido por outras instituições sociais.

Já ao elencar os pressupostos do Jornalismo como conhecimento, Meditsch (1997, p. 4) destaca a importância da Sociologia do Conhecimento pelos estudos de Berger e Luckmann (1985), lembrando que essa área do conhecimento ao se debruçar sobre o cotidiano das pessoas comuns e não apenas no relato dos sábios, “[...] reforça a ideia de que a metodologia científica não é o único modo de conhecer e provavelmente sequer o mais importante para nossa existência gregária.” (MEDITSCH, 1997, p. 4). Dessa forma, Meditsch aponta que o conhecimento gerado pelo Jornalismo tem duplo papel na construção do senso comum, revelando novidades e servindo para conhecer e reconhecer os fatos. Além disso, o autor lembra que o conteúdo do jornalismo está atrelado a um contexto. E o texto produzido pelo jornalista só terá sentido se estiver dentro de um contexto, dificultando a sistematização dos conteúdos.

Meditsch (1997) observa que ao considerar o Jornalismo como uma forma de conhecimento, ultrapassando a forma de vê-lo apenas como meio de comunicação, será possível aumentar a exigência sobre os seus conteúdos. Como o autor lembra, conhecimento implica em aperfeiçoamento pela crítica e requer rigor. Compreendemos, então, que o “Jornalismo é um meio de conhecimento social, pela divulgação da informação atempada da atualidade, através da descrição da singularidade dos acontecimentos que a constituem e sua exposição ao público em tempo hábil para sua utilização.” (MEDITSCH, 2012, p. 21).

Por essa afirmação, concordamos com o referido autor quando destaca que essa informação, produzida e divulgada, é sinônimo de poder. Sem o conhecimento do que acontece ao seu redor, não é possível exercer a cidadania de maneira eficaz; pois, uma sociedade sem informação confiável está privada de questionar os seus direitos e reagir por meio de intervenções sociais, políticas, culturais, econômicas, etc. Meditsch (2012) também faz um alerta sobre as mudanças da sociedade e a necessidade do Jornalismo de transforma-se para acompanhar esse movimento. Ele pondera que a mediação do Jornalismo continuará

existindo, mas adaptada ao novo contexto. Dessa forma, ele explica como está se construindo esse novo caminho:

Pensar que o emissor e o receptor se encontram agora num mesmo patamar, e que o Jornalismo perdeu a sua utilidade por causa disso, é uma atitude equivocada e ingênua. Há de fato novas possibilidades de publicação que são abertas a quase todos, mas o alcance destas publicações depende de muitos fatores. Os portais da grande mídia comercial e da mídia comunitária não possuem o mesmo público. As pessoas comuns podem querer dizer muitas coisas que as afligem, mas estão ocupadas nas suas vidas, não tem tempo nem meios para fazer uma reportagem investigativa e nem acesso a um ministro para fazer uma entrevista. Também não tem o treinamento teórico e técnico necessário para garimpar informações, selecioná-las, testá-las, avalizá-las e apresentá-las ao público em tempo hábil e de maneira atrativa, que é o que faz o bom Jornalismo. (MEDITSCH, 2012, p. 22)

Compreender que o pesquisador defende nessas linhas, nos faz pensar que o jornalismo como uma forma de conhecimento está diretamente relacionado com essas mudanças estruturais. O conhecimento produzido, em forma de conteúdo (atualizando o termo para as discussões atuais), será o diferencial para que o jornalismo cumpra a sua função social.

Essas mudanças, apontadas pelo professor Eduardo Meditsch ao Jornalismo e tidas como uma possibilidade para impulsionar as discussões para jornalismo como conhecimento, ganham força com as constatações apresentadas no Relatório Jornalismo Pós-Industrial – Adaptação aos novos tempos, dos pesquisadores da Universidade Columbia, nos Estados Unidos, Anderson, Bell e Shirky (2013). Eles afirmam que a transformação do Jornalismo é inevitável, mas deve-se voltar para produção de um Jornalismo de utilidade pública, com a adoção de ferramentas, técnicas e premissas que ainda não foram pensadas ou utilizadas.

Também entendem que as novas possibilidades do Jornalismo exigem novas formas de organização (exemplos: método de trabalho, como hierarquias). E essa adaptação ao novo modelo que está surgindo deve considerar o papel do público, visto ainda como audiência, que deixou de ser apenas leitor ou telespectador. Agora ele assume papéis de usuário, editor.

Anderson, Bell e Shirky (2013) lembram que essa dinâmica com o público vai exigir mudanças não só em táticas, mas também na concepção que o Jornalismo tem de si. Desse modo, eles destacam cinco grandes convicções que guiam o desenvolvimento do trabalho do jornalista: o Jornalismo é essencial; o bom Jornalismo sempre foi subsidiado; a internet acaba com o subsídio da Publicidade; a reestruturação se faz, portanto, obrigatória; e há muitas oportunidades de fazer um bom trabalho de novas maneiras.

Ao explicitarem suas convicções sobre o Jornalismo ser essencial, Anderson, Bell e Shirky (2013, p. 33) entendem que o “[...] Jornalismo expõe a corrupção, chama a atenção para a injustiça, cobra políticos e empresas por promessas e obrigações assumidas. Informa

cidadãos e consumidores, ajuda a organizar a opinião pública, explica temas complexos e esclarece divergências fundamentais.”. Desse modo, o Jornalismo exerce um papel insubstituível, tanto em regimes democráticos como em economias de mercado.

Dito isso, eles lembram que nem todo Jornalismo é essencial, pois muito do que se produz hoje é classificado como entretenimento. Na construção do relatório, eles trabalham apenas com o lado sério do Jornalismo. E esse lado sério entende o que é notícia pelo o que é descrito por LordNorthcliffe: “Notícia é algo que alguém, em algum lugar, não quer ver publicado. Todo o resto é publicidade” (p. 33). Ainda nessa linha, eles acreditam que o papel do jornalista - como porta-voz da verdade, formador de opinião e intérprete – não pode ser reduzido a uma peça substituível para outro sistema social. É preciso que a informação chegue até o público e nele repercuta (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013).

Ao destacar essas considerações sobre o novo cenário, Anderson, Bell e Shirky (2013) apresentam o termo Jornalismo pós-industrial, que originalmente foi empregado em 2001 pelo jornalista DcSearls, o qual sugere um “[...] Jornalismo que já não é organizado segundo as regras da proximidade do maquinário de produção – como era realizado na lógica de produção passada.” (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013, p. 37-38). O Jornalismo pós-industrial tem seus princípios embasados nas mídias digitais, transcendendo o formato original e o maquinário de produção. Ele parte do princípio de que instituições atuais irão perder receita e participação de mercado e que, se quiserem manter ou mesmo aumentar sua relevância, terão de explorar novos métodos de trabalho e processos viabilizados pelas mídias digitais. Também deve rever o seu aspecto organizacional da produção de notícia, como um maior aproveitamento de dados de caráter público.

Os autores esclarecem que o jornalista não foi substituído – “[...] foi deslocado para um ponto mais acima na cadeia editorial. Já não produz observações iniciais, mas exerce uma função cuja ênfase é verificar, interpretar e dar sentido à enxurrada de texto, áudio, fotos e vídeos produzida pelo público.” (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013, p. 43).

Concedem destaque para apuração dos fatos, ao citarem que “apuração dos fatos [...] ocupa um lugar de destaque na autoimagem do Jornalismo: está no cerne daquilo que o jornalista faz – algo, que, em sua concepção, ninguém mais pode fazer”. Esse é o aspecto da ocupação que requer a habilidade mais tácita; é a função que serve de forma mais direta o interesse público.



Assim, como apontou Meditsch (2012), Anderson, Bell e Shirky (2013) lembram que a única razão para que todo trabalho jornalístico importe, e não só para quem segue trabalhando ainda no que se chama de indústria jornalística, é que o Jornalismo – a exposição de fatos que alguém, em algum lugar, não quer ver publicado – é um bem público essencial. Por isso, conteúdo jornalístico, e, por consequência, o conhecimento que está intrínseco, precisa contribuir com a autonomia dos cidadãos.

#### **4. Jornalismo Ambiental e a TV Escola**

Compreendemos, a partir do que foi construído até aqui, que o Jornalismo é uma forma social de conhecimento, assim como a notícia – por ser o princípio da reflexão –, pois revela aspectos da realidade que os outros modos de conhecimento não são capazes de revelar. Além dessa maneira própria de produzir conhecimento, o Jornalismo também tem um modo diferenciado de reproduzi-lo (MEDITSCH, 1997).

Neste momento, retomamos o que já foi exposto para realizar um exercício de reflexão com as bases do Jornalismo Ambiental e a TV Escola do Ministério da Educação e a sua produção jornalística com enfoque para as questões ambientais.

Entendemos que o Jornalismo Ambiental, antes de sua especificidade, é Jornalismo. Dessa forma, ele está guiado pelo compromisso com o interesse público e com a popularização do conhecimento, possibilitando a ampliação do debate pelos cidadãos. Como salienta Traquina (2004, p. 27), o Jornalismo, pelo polo ideológico, é um “[...] serviço público que fornece cidadãos com informação de que precisam para votar e participar na democracia e age como guardião que defende os cidadãos dos eventuais abusos de poder.”.

Dessa forma, entendemos que o Jornalismo precisa dar espaço para a realidade que transcenda o universo pessoal do cidadão que o lê/assiste. É preciso mostrar uma realidade que o envolva e que ele não saiba que existe (GIRARDI; SCHWAAB, 2008). Além disso, o Jornalismo deve superar o enfoque que dá para as questões ambientais ao enfatizar uma perspectiva de destruição da natureza. Deve-se trabalhar com a ótica da integração entre os assuntos e não pensar de forma fragmentada, ao separar a natureza da sociedade.

Ao avançarmos nessa discussão, buscamos explicitar as especificidades do Jornalismo Ambiental. Dessa forma, encontramos em Gelos (2008) que o Jornalismo Ambiental não é uma especialização do Jornalismo Científico, como muitos costumam afirmar, pois este tem um olhar amplo e global da realidade. Para ele, o Jornalismo Científico tem sua atuação

exclusivamente no conhecimento científico e suas fontes pertencem ao mundo acadêmico, não concedendo espaço para outras fontes. Nesse ponto, ele afirma: “o Jornalismo Ambiental considera um espectro mais amplo de fontes e visões, que incluem desde os saberes tradicionais até o conhecimento gerado pela ciência e pela técnica.” (2008, p. 70-71). E por esse entendimento, ele afirma que o Jornalismo Ambiental:

Se trata de Jornalismo especializado dedicado a informar, divulgar e opinar sobre temas ambientais nos meios de comunicação. É a especialização mais ampla e completa em relação as especializações do Jornalismo que existe nos meios, pois engloba com igual ênfase os aspectos científicos, sociais, políticos, econômicos, culturais, ambientais e éticos. Sua amplitude se manifesta na sua interdependência com esses campos. (GELOS, 2008, p. 70).

Wilson Bueno (2008) contribui com as discussões sobre Jornalismo Ambiental, ao salientar que esse desempenha três funções principais: a informativa, que supre a necessidade dos cidadãos de estarem informados sobre as questões ambientais, com um enfoque para os impactos ambientais em sua rotina; a pedagógica, com destaque para as causas e soluções relacionadas aos problemas ambientais, estimulando o pensamento crítico e a participação dos cidadãos para resolução dos problemas; e a política, envolvimento da população frente aos problemas ambientais e, principalmente, na defesa do ambiente em relação aos crimes ambientais realizados por determinadas empresas e setores (como o agronegócio), sem esquecer as ações tomadas pelos governantes.

O Jornalismo Ambiental deve estar atento a determinadas singularidades. Uma das principais questões está direcionada para o saber ambiental, “[...] que não se confunde ou é privilégio de instâncias especializadas e que, na verdade, é resultado da articulação de múltiplos saberes, com forte e benéfica influência dos saberes, experiências e conhecimento tradicionais.” (BUENO, 2008, p. 110).

Bueno aprofunda ainda mais essa reflexão, ao defender que o Jornalismo Ambiental não é propriedade dos que detêm o monopólio da fala, pois deve estar conectado com o pluralismo e a diversidade. Ele deve potencializar “o diálogo entre o catedrático e o pescador, entre o agrônomo e trabalhador rural, o mateiro e o biólogo e não deve estigmatizar a sabedoria dos pajés” (p. 111). Dessa forma, as fontes no Jornalismo Ambiental devem ser todas as pessoas, tendo como missão cruzar as diferentes visões, experiências e conhecimentos que contribuam para estabelecer uma relação de bem viver entre o homem e a natureza.

Encontramos nas produções do Grupo de Pesquisa em Jornalismo Ambiental (CPNq/UFRGS) contribuições que ajudam a perceber a diferenciação entre jornalismo de/sobre meio ambiente e Jornalismo Ambiental (GIRARDI et al., 2013). Dessa forma, para o grupo, o primeiro aborda as questões ambientais de maneira superficial e imparcial, trabalhando com o conceito de ambiente de forma restrita, pois separa a sociedade e a natureza (concentrando a atenção para natureza). Essa abordagem parte do viés econômico, não demonstrando as conexões culturais, sociais, entre outras, com os aspectos ambientais. Por outro lado, o Jornalismo Ambiental opera com as seguintes perspectivas:

O Jornalismo Ambiental, partindo de um tema específico (mas transversal), visa ser transformador, mobilizador e promotor de debate por meio de informações qualificadas e em prol de uma sustentabilidade plena. Para sua concretização é necessário buscar respaldo em olhares mais abrangentes, que possibilitem ver as conexões, superar a fragmentação reiterada. Fundem-se, desta forma, a natureza do jornalismo especializado com as demandas socioambientais que acabam por compor o horizonte de reflexão dos paradigmas emergentes. (GIRARDI et al., 2012, p. 148).

Observamos, por essas conexões, que o Jornalismo é considerado uma forma de produção de conhecimento e, por isso, revela a realidade por um olhar diferente (MEDITSCH, 1997). Compreendemos, assim, a importância do Jornalismo Ambiental em buscar no seu fazer o conhecimento específico de cada sujeito envolvido na construção de uma notícia, reportagem, produtos audiovisuais e outros formatos. A importância de contemplar a diversidade de saberes é essencial para que os diferentes conhecimentos ganhem visibilidade, transcendendo as barreiras científicas, e oportunizando que outros olhares contribuam com a construção da uma realidade retratada. Dessa forma, o jornalista deve enxergar o outro e deixá-lo falar para apreender a realidade e construir narrativas que possibilitem amplificar os diferentes saberes pela pluralidade de vozes.

Como afirma Conde (2008, p. 27), ao analisar as contribuições de Robert Park sobre a notícia como forma de conhecimento, se o sujeito está “a uma maior distância do ponto em que se origina a notícia, mais alheio o indivíduo estará dessa realidade, e menor será o impacto que a mudança anunciada pela informação terá sobre a sua realidade”. É preciso romper as barreiras geográficas, culturais, sociais para que tenhamos igualdade na informação, no conhecimento e na ação-reflexão.

Belmonte (2017, p. 120) sinaliza que “não há uma maneira única de compreender o Jornalismo Ambiental, nem apenas um caminho para transformar, mobilizar e promover debates com informações qualificadas e em prol de uma sustentabilidade, fundindo-se com as demandas socioambientais”. O autor ainda destaca que com as mudanças que estão ocorrendo

nas redações tradicionais, como as condições para se realizar um trabalho mais profundo, as reportagens relevantes sobre a temática socioambiental ficam prejudicadas. No entanto, ele lembra que as questões ambientais estão ganhando destaque e importância em novos projetos jornalísticos, como na Agência de Reportagem e Jornalismo Investigativo - Pública, no Repórter Brasil e na Nexo.

Assim como Belmonte (2017) cita exemplos de novos projetos jornalísticos que estão impulsionando o conteúdo e o conhecimento ambiental, entendemos que as emissoras de televisão com função educativa também são espaços para estabelecer esse diálogo, pois esses canais devem cumprir sua função social, estimulando o pensamento crítico e o envolvimento dos cidadãos para uma transformação socioambiental. Nesse sentido, encontramos na TV Escola essa possibilidade de ir além para abordar os conteúdos ambientais com enfoque jornalístico.

Para fins de contexto, A TV Escola é a televisão pública do Ministério da Educação e se destina a professores, educadores, alunos e ao público em geral interessado em aprender. Desde 1996 capacita, aperfeiçoa e atualiza educadores da rede pública. Atualmente a sua programação exhibe séries e documentários estrangeiros e produções próprias nas 24 horas do dia. A TV Escola tem a sua origem no Planejamento Estratégico do Ministério da Educação para o período de 1995-1998, integrando um conjunto de ações destinado a democratizar o ensino básico e elevar a qualidade da educação brasileira. Sua implementação ocorreu a partir de 04 de setembro de 1995.

Criada, inicialmente, para fortalecer o ensino fundamental, a TV Escola ampliou a sua área de atuação, passando a atingir também o ensino médio já no início da década de 2000. Da mesma forma, a programação inicial foi gradativamente ampliada e em 2002 já contava com 14 horas diárias de programação própria. Na última década, a programação foi ampliada, ao máximo, atingindo 24 horas diárias a serviço da educação. A TV Escola proporciona material de qualidade aos professores, sem nenhuma intenção de substituí-los. Logo, “a TV Escola não vai “dar aula”, ela é uma ferramenta pedagógica disponível ao professor: seja para complementar a sua própria formação, seja para ser utilizada em suas práticas de ensino (TV Escola, 2016)<sup>3</sup>”.

Os principais objetivos da TV Escola são o aperfeiçoamento e valorização dos professores da rede pública, o enriquecimento do processo ensino-aprendizagem e a melhoria

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://tvescola.org.br/tve/sobre>>. Acesso em: jul. 2018.

da qualidade do ensino no Brasil. A transmissão da sua programação acompanhou a evolução tecnológica, passando de analógica para digital, além da utilização das mídias digitais disponíveis com distribuição para todo o país. A TV Escola é uma plataforma de comunicação baseada na televisão e distribuída também na internet. Na televisão ela é distribuída por satélite aberto analógico e digital para todo o território nacional, atingindo entre 15 e 20 milhões de antenas parabólicas. Além da distribuição por satélite aberto, o sinal da TV Escola é distribuído pelas operadoras de TV por assinatura.

No site da TV Escola, toda a programação é dividida por categorias, por exemplo: matemática, história, artes, literatura, entre muitos outros. Assim, definimos por trabalhar com categoria meio ambiente, pois possibilitaria um recorte e definiria um *corpus* que possibilitasse ser atravessado pelas perspectivas do Jornalismo Ambiental. Entendemos que esses programas produzem conhecimento e que terão algum impacto na formação do pensamento dos diferentes sujeitos a respeito das questões ambientais que utilizam os vídeos para complementar o seu conhecimento sobre diferentes assuntos. Realizando mais um recorte para essa atividade, buscamos na série Nova Amazônia, que faz parte da categoria meio ambiente, uma conexão para realizar o diálogo proposto.

A série Nova Amazônia foi produzida pela TV Cultura do Amazonas. Dividia em três temporadas e composta por 64 programas (sendo que cada um aborda uma temática diferente como água, resíduos sólidos, educação, cultura local, biodiversidade, etc.), seu lançamento foi no ano de 2012 e encerrou a sua programação no ano de 2015. Desde 2016, os programas fazem parte da grade de programação da TV Escola do Ministério da Educação e podem ser acessados após cadastro no site da TV Escola. Cada episódio tem tempo de duração entre 23 e 28 minutos, e a sua narrativa é construída pela fala do repórter e pela fala das fontes, que são acionadas conforme sua relação com a temática do programa.

A série Nova Amazônia tem a seguinte descrição pelo site da TV Escola: "com um novo olhar sobre a região Amazônica, o programa une pesquisa científica à sabedoria dos povos da floresta. Além de tratar de forma dinâmica os temas regionais que influenciam o planeta, mostra um lugar onde ainda há muito o que ser descoberto".

A série Nova Amazônia constrói um conhecimento pelos saberes de outras pessoas e, quem tem acesso a isso, tem a possibilidade de viajar e aprender, se libertar, ir além das fronteiras geográficas, além de complementar o conhecimento científico com as descobertas da repórter.

A repórter pelo seu olhar, pela construção dos fatos que irá narrar sobre a temática do programa, constrói uma realidade pelos saberes dos entrevistados (povos da floresta), como proposto por Berger e Luckmann (1985) sobre a função do jornalismo como construção social da realidade. Ela interpela as fontes e constrói o conhecimento próprio do Jornalismo. E por essa construção da realidade as pessoas podem conhecer a Amazônia e as suas interfaces, como educação, cultura, comidas, saberes, enfim. O Jornalismo permite “vivenciar” aquele lugar, ver o outro e “explorar” cenários que não estão acessíveis para a grande maioria da população.

Segundo Conde (2008, p.20), “Park se deu conta de que o repórter era tremendamente poderoso, já que, ao dar as notícias, podia ajudar a mudar a sociedade”. Dessa forma, entendemos que o Jornalismo Ambiental observado no programa valoriza o conhecimento e mostra o ambiente como um lugar de vida. O Jornalismo também contribui para que os cidadãos possam ver e falar sobre as questões ambientais.

## **5. Reflexões finais**

Esse trabalho se propôs a refletir sobre o Jornalismo Ambiental como forma de conhecimento para contribuir com a análise de programas educativos para a TV Escola do Ministério da Educação buscando uma transformação socioambiental. O Jornalismo como uma forma de conhecimento está diretamente relacionado às mudanças estruturais que vem enfrentando o seu fazer e o conhecimento produzido, em forma de conteúdo, irá contribuir para que o Jornalismo Ambiental consiga cumprir a sua função pedagógica.

Considerando que defendemos o conhecimento como ato libertador, por gerar autonomia e estar ligado à cidadania e a transformação da realidade social, o Jornalismo produzido e aplicado nos programas da TV Escola tem papel fundamental ao levar conhecimento à população, além de comunicar, transmitindo conhecimento, alcançando sua função social e educativa.

No que se refere ao Jornalismo Ambiental utilizado nos programas da TV Escola, compreendemos sua importância de contemplar a diversidade de saberes que é essencial para que os diferentes conhecimentos ganhem visibilidade, transcendendo as barreiras científicas, e oportunizando que outros olhares contribuam com a construção da uma realidade retrata.

## Referências

ANDERSON, C.W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. **Revista de Jornalismo ESPM**. Abr./Jun. de 2013.

BELMONTE, Roberto Villar. Uma breve história do Jornalismo Ambiental brasileiro. **Revista Brasileira de História da Mídia**. VOL. 6, Nº 2. Teresina. jul./dez. 2017. p. 110-125. Disponível em: <<http://www.ojs.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/6656/3817>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1985.

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. In: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; SCHWAAB, Reges Toni. **Jornalismo Ambiental: desafios e reflexões**. Porto Alegre: Dom Quixote, 2008. p. 105-116.

CONDE, Maria Rosa Berganza. A contribuição de Robert Park, o jornalista que se converteu em sociólogo, à teoria da informação. In: MAROCCO, Beatriz; BERGER, Christa. (Orgs.). **A era glacial do jornalismo: teoria social da imprensa. Vol. 2**. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 15-32.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; SCHWAAB, Reges Toni. **Jornalismo Ambiental: desafios e reflexões**. Porto Alegre: Dom Quixote, 2008.

GIRARDI, Ilza et al. Caminhos e descaminhos do Jornalismo Ambiental. **Comunicação & Sociedade**, v. 34, n. 1, p. 132-152. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2012. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/2972>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

GIRARDI, Ilza et. al. A pesquisa em Jornalismo Ambiental na região Sul do Brasil. In: **Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJor**, 11, 2013, Brasília. Disponível em: <<http://soac.unb.br/index.php/ENPJor/XIENPJOR/paper/view/2399/548>>. Acesso em: 05 fev. 2018.

MACHADO, Elias. O pioneirismo de Robert Park na pesquisa em Jornalismo. In: **Revista Estudos de Jornalismo e Mídia**. Vol.2, nº 1. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Jornalismo e Mídia/Insular, julho de 2005. p. 23-24.

MEDITSCH, Eduardo. O Jornalismo é uma forma de conhecimento? **BOCC. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**, Lisboa, (s.v., s.n.), p. 1-13, 1997. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

MEDITSCH, Eduardo. **Pedagogia e Pesquisa para o Jornalismo que está por vir: a função social da universidade e os obstáculos para sua realização**. Florianópolis: Insular, 2012.



PARK, Robert E. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento. In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz. (Org.). **A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa**. Vol. 2. Porto Alegre: Sulina, 2008.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2004.